

Os peregrinos que atravessaram o rio

Contado por Eesha Sardesai

O homem estava de pé na beira do rio, olhando em dúvida para a água azul-acinzentada. Seus olhos se voltaram para um grupo de canoas deterioradas a alguns passos de distância. Uma forte respiração atrás dele anunciou que seus companheiros o haviam alcançado, e agora todos os dez estavam reunidos na margem do rio, olhando para a extensão de água que se estendia diante deles.

O rio era largo, mas não tão largo que não desse para ver a faixa de terra na margem oposta. O homem — que vinha atuando como uma espécie de líder do grupo — tirou do bolso uma bússola de latão, junto com um mapa de aparência desgastada que ele dobrara num quadrado perfeito. Ele abriu o mapa, franziu a testa e guardou-o novamente no bolso.

— Muito bem — disse ele — Precisamos atravessar este rio e chegar ao outro lado. De lá, continuaremos caminhando.

Eles estavam numa peregrinação na Índia, visitando muitos lugares belos e sagrados. Grande parte da viagem eles tinham feito a pé, embora ocasionalmente — como agora, com esses barcos — tivessem que usar outros meios de transporte.

— Venham, venham, vamos usar essas canoas — disse o homem, sinalizando para o grupo segui-lo enquanto se dirigia até elas. Em pouco tempo, todos estavam se amontoando em suas respectivas canoas e zarpando sobre a água.

A travessia revelou-se difícil. A água estava agitada em alguns lugares, e nem todo mundo tinha habilidade para conduzir ou remar uma canoa. Passaram por contratempos; bastante água invadiu os barcos. E, embora

todos tenham iniciado relativamente próximos uns dos outros, as canoas rapidamente se separaram, o que fez com que cada uma chegasse à margem oposta em momentos e locais diferentes.

Porém, todos *chegaram* do outro lado — ainda que espalhados ao longo da margem. Eles saíram das canoas aos tropeços, cansados e sem fôlego, suas roupas úmidas grudando no corpo. Quando se avistaram, foram lentamente se reagrupando.

Quando estavam todos juntos novamente, o chefe do grupo sugeriu que fizessem uma contagem para confirmar se todos tinham conseguido atravessar. Ele apontou para o homem mais perto dele e disse: “Um.”

Olhou para a mulher ao lado desse homem: “Dois.” E então, para a mulher ao lado dela: “Três.”

Ele continuou contando dessa forma até se aproximar do final do grupo: “Sete, oito, nove...”

Fez uma pausa. O resto do grupo pestanejou olhando para ele.

— Nove? — ele repetiu, com uma expressão confusa no rosto — Mas éramos dez quando saímos da outra margem. Como pode haver apenas nove?

Os outros começaram a olhar ao redor, na margem deserta do rio, como se esperassem que o décimo membro do grupo fosse surgir de debaixo da areia.

Então alguém disse, com voz tímida: “E... e se perdemos alguém no rio?”

— Silêncio — disse outro membro do grupo, uma mulher de cabelo curto
— Deve haver algum erro. Aqui, deixem-me contar. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete... oito... nove?

Sua voz vacilou quando chegou ao final da contagem.

— Como é possível? — disse ela, perplexa.

E assim, foram todos se alternando e tentando contar quantas pessoas havia no grupo. Repetidamente, no entanto, só contavam nove pessoas. A cada nova contagem fracassada, ficavam cada vez mais em pânico, mais desesperados.

Nesse meio tempo, outra canoa tinha atracado suavemente na margem. Os peregrinos estavam ocupados demais com seu dilema para reparar. Não viram a jovem mulher desembarcando agilmente da canoa, nem o menino que ela puxou em seguida.

Quando a mulher e a criança se reorientaram, olharam espantados para a cena diante deles. Um grupo de pessoas apontando umas para as outras, descontroladas, com um toque de histeria na voz enquanto contavam repetidamente de um a nove.

O menino levantou a cabeça e olhou para a mãe curioso.

— Mamãe, o que eles estão fazendo?

— Não tenho certeza — disse a mulher devagar — Vamos ver se eles precisam de ajuda?

O menino concordou. Sua mãe o pegou pela mão, e eles se aproximaram do grupo.

— Com licença — disse a jovem educadamente — Vocês estão com algum problema?

O líder do grupo virou-se para ela. Ele tinha marcas vermelhas no rosto, nos lugares em que tinha agarrado, de nervoso.

— Senhora — disse ele à jovem — agradeço por querer ajudar, mas temo que nosso grupo aqui esteja diante de uma notícia muito ruim. Éramos dez pessoas quando partimos em peregrinação, e — e, bem, a senhora está vendo... — o homem se voltou desesperançado para os outros, incapaz de terminar a frase.

Nesse momento, o garotinho se manifestou: “Me deixa fazer isso!”, disse. “Me deixa tentar contar. Eu sei contar até dez!”

O homem não ficou nada convencido, mas não quis acabar com o entusiasmo do menino. Inclinou a cabeça, num gesto de assentimento.

Os olhos do menino se iluminaram, e ele começou a contar: “Um... dois... três...”. Dizia cada número num tom de voz cuidadoso, medido e focado, seu olhar se movendo de cada pessoa para a seguinte.

— Oito... nove... dez! — terminou, empolgado.

Todos no grupo olharam para ele, surpresos.

— Como é possível? — disse o líder, virando-se para a mãe do menino — Como é que esse garotinho contou dez pessoas, quando cada um de nós só contou nove?

A mãe sorriu e disse gentilmente: “Senhor, acho que cada um de vocês, quando contou, deixou de incluir a si mesmo.”

Esta história é inspirada num conto clássico dos textos da filosofia indiana do Vedanta.

